VOLUME 6

RIAGE
REVISTA IBERO-AMERICANA DE GERONTOLOGIA

"PROFESSOR, EU VIM AVISAR QUE HOJE EU NÃO VENHO": COMPROMISSO, VÍNCULOS E RELAÇÕES DE CUIDADO ENTRE PESSOAS IDOSAS EM GRUPOS DE PRÁTICAS CORPORAIS

Alessandro Lotti
ORCID: 0000-0002-4805-3633

Eunice Nakamura
ORCID: 0000-0001-8786-5207

Informação do artigo
Recebido: 29/09/2024
Revisto: 14/10/2024
Aceite: 30/11/2024

RESUMO

O objetivo deste estudo é conhecer as relações de cuidado entre usuárias em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos / Centro Dia para Pessoas Idosas no município de Praia Grande, região do litoral sul do estado de São Paulo, Brasil. Desenvolvemos uma pesquisa etnográfica utilizando a observação participante dos grupos de práticas corporais, a partir das vivências do profissional de educação física responsável. O estudo revelou que as pessoas procuram a instituição geralmente por recomendação médica para cuidar da saúde, mas são as relações de cuidado que surgem no cotidiano e o sentimento de "fazer parte" de um grupo que instigam a continuidade. Os grupos possibilitam encontros, propiciando um compromisso coletivo com o serviço e com as amizades. Esse compromisso pôde ser verificado no cotidiano (querem participar e cuidar da saúde, e cuidam do espaço e das outras pessoas), mas também se revela nas ausências, quando os encontros são cancelados ou quando as próprias pessoas faltam, levando-as a justificar e manter contato para conservar os vínculos.

Palavras-chave: envelhecimento; saúde; cancro; tecnologia; literacia

INTRODUÇÃO

Políticas públicas relacionadas às pessoas idosas são necessárias à medida que o envelhecimento populacional se apresenta como uma realidade crescente que altera o perfil demográfico dos países (Montenegro, 2021). Em poucas décadas o Brasil dobrou o nível de esperança ao nascer e entrou precocemente na rota do envelhecimento populacional (Minayo & Coimbra Júnior, 2011). Segundo os censos demográficos houve um aumento em torno de 11,5 milhões de pessoas com mais de 60 anos entre 2010 e 2022, (20.590.597 em 2010, para 32.113.490 em 2022) (IBGE, 2011; 2023).

Além do aumento no número de pessoas idosas, envelhecimento populacional pressupõe que essas pessoas passam a viver maior quantidade de tempo (Montenegro, 2021). Isso impõe à sociedade o desafio de garantir-lhes sobrevivência digna e reconhecer o envelhecimento como elemento fundamental na elaboração de novas políticas públicas (Uchôa, Firmo & Lima-Costa, 2011).

A Política Nacional de Assistência Social (PNAS) tem como uma de suas premissas garantir a "segurança de convívio" (Brasil, 2005). Em 2009, a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais reordenou os serviços e instituiu o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), organizado por etapas da vida e orientado a propiciar trocas culturais, vivências, desenvolver sentimento de pertença social, fortalecer vínculos familiares, sociais e convivência comunitária (Brasil, 2009).

Em Praia Grande, município da região litorânea do estado de São Paulo, no Brasil, desde 1993 há o Programa Conviver, vinculado à Secretaria de Assistência Social (SEAS-PG), distribuído em oito unidades pelo município (Figura 1). Trata-se de um SCFV para pessoas com mais de 50 anos, atendendo prioritariamente as idosas. O empenho é necessário, pois, como apontou o censo demográfico de 2022, 30% dos 349.935 munícipes (104.956 pessoas) se encontravam na faixa de 50 anos ou mais (IBGE,2023).

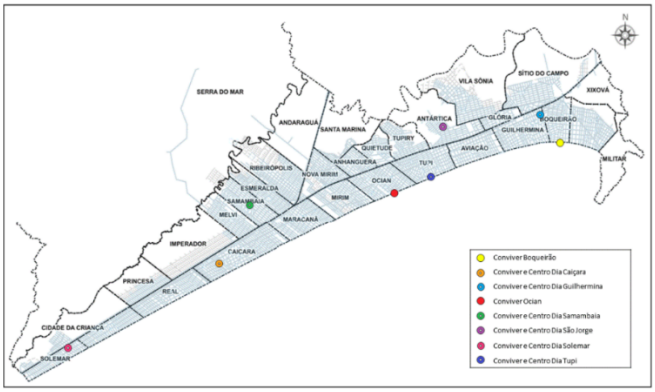

Figura 1 – Distribuição dos Conviver / Centro Dia para Pessoas Idosas em Praia Grande – SP

O programa oferece atividades educativas, culturais e de práticas corporais, com a proposta de fomentar grupos de convivência. Algumas unidades Conviver ainda mantêm, compartilhando o mesmo espaço, o Serviço de Centro Dia para Pessoas Idosas (Centro Dia), que consiste em oferecer na instituição cuidado diurno para pessoas com mais de 65 anos que apresentem um leve grau de dependência e estejam em risco ao permanecer sozinhas em suas casas (Lotti & Garcia, 2020).

O Conviver / Centro Dia São Jorge localiza-se em um território distanciado da orla da praia, com maior incidência de vulnerabilidades sociais. Inaugurado em 2015, recebe diariamente pessoas que habitam a região da Vila Antártica – muitas há mais de 30 anos – existindo ali um convívio comunitário em que estas se conhecem e já possuem certo grau de relação. Além de um ponto de encontro, a instituição atua como importante estratégia de cuidado. As pessoas frequentam os grupos, participam de atividades corporais e interagem. Formam e fortalecem vínculos, produzindo redes de apoio.

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.296

A oferta de grupos de práticas corporais permite novas experiências nas quais os espaços públicos de convivência são valorizados. Há uma dimensão social do trabalho com educação física que valoriza a formação de grupos de convivência para além dos benefícios orgânico-funcionais, contribuindo à prevenção e enfrentamento de vulnerabilidades sociais na medida em que ajuda a desenvolver o sentimento de pertencimento social nas pessoas (Lotti & Nakamura, 2020; Lotti, 2022).

Segundo Contatore, Malfitano e Barros (2019), o cuidado proposto pela convivência seria mais um processo relacional pautado pela solidariedade, respeito e zelo na relação entre sujeitos em um esforço de ajuda mútua para a conservação da vida. A ética do cuidado emerge da atenção à vida humana comum e ao cuidarem umas das outras as pessoas contribuem ao "funcionamento do mundo" (Laugier, 2017).

Nosso pressuposto é o de que ao despertar o olhar para essa dimensão do cuidado produzir-se-iam políticas mais harmonizadas às necessidades dos indivíduos e das comunidades. Ressignificar as instituições em espaços públicos de cuidado comunitário implicando as pessoas no processo – sejam elas profissionais ou usuárias – é uma forma de se opor à dureza e ao distanciamento do cuidado institucionalizado, cujo foco é a oferta de uma série de procedimentos técnicos mediante o cumprimento de regras (Contatore, Malfitano & Barros, 2019; Magalhães, 2010).

A partir dessas considerações, nosso objetivo é o de compreender as relações de cuidado que emergem da convivência nos grupos de práticas corporais do Conviver e entender a dinâmica que se estabelece na utilização do serviço.

METODOLOGIA

Utilizamos o método etnográfico, que produz dados por meio da interação entre o pesquisador e o "universo" dos participantes da pesquisa, observando, descrevendo e interpretando os fatos sociais, com o intuito de produzir uma descrição densa daquela realidade (Geertz, 2015). Magnani (2001) considera o contato direto com os participantes um dos pressupostos do método etnográfico, enfatizando, no entanto, que não se trata apenas de transcrever seus pontos de vista, mas sim contextualizá-los e interpretá-los. Como forma principal de obtenção de dados utilizamos a observação participante, que segundo Minayo (2013) é uma técnica em que o pesquisador relativiza seu espaço social aprendendo a se colocar no lugar do "outro".

Entre julho de 2023 e julho de 2024 o pesquisador (e também profissional de educação física na instituição) registrou em diários de campo as vivências no cotidiano de trabalho com cerca de 300 pessoas, em sua maioria mulheres idosas, participantes dos grupos de práticas corporais. Os dados foram organizados em eixos de análise, possibilitando a identificação de categorias nativas, as quais "compõem o próprio universo discursivo dos sujeitos [...] Ou seja, possui um sentido histórico, um sentido específico para um determinado grupo humano" (Guimarães, 2003, p. 93-95).

A pesquisa foi autorizada pela SEAS-PG e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (CEP/Unifesp - 6.139.317).

RESULTADOS

As pessoas buscam o Conviver geralmente por recomendação médica para prevenção ou tratamento de doenças e agravos da velhice. Outro motivo é a indicação pelos que já frequentam a unidade e trazem colegas e parentes. Existe a demanda espontânea, em que as pessoas se interessam, vão se informar e acabam se matriculando. Especificamente no Centro Dia há também as que foram inscritas por seus familiares

que necessitavam de apoio para prover-lhes cuidados em período diurno.

De início expressam pouco vínculo, tratando o espaço como uma academia de ginástica ou um centro esportivo do qual passaram a ser clientes. Vêm até a unidade, pouco conversam, participam das atividades e vão embora. A partir de uma visão utilitária em relação à saúde, há o entendimento da prática de atividade física como responsabilidade e obrigação de quem almeja um envelhecimento bem sucedido.

Mas com o passar do tempo, à medida que frequentam os grupos, as atividades e convivem com as colegas, vão formando e intensificando vínculos sociais. Apesar de procurarem a instituição por indicação médica ou por alguma questão relacionada ao físico e à saúde, a permanência e continuidade se consolida quando essas pessoas passam a valorizar como principais atrativos experiências do cotidiano, como a possibilidade de "sair de casa", fazer amizades e aprender algo novo.

No geral, associam a rotina do lar ao tédio e à solidão. O Conviver torna-se um importante pretexto e motivação para saírem de suas casas. Por exemplo, Zélia, também participante do Centro Dia, ao contar como veio para a instituição comenta que viveu sua vida muito "presa" dentro de casa por conta da paralisia infantil e as decorrentes dificuldades de locomoção, e que agora experimenta uma forma de liberdade. Nas palavras dela: "Eu vim com medo achando que iam me botar num asilo. Foi a melhor coisa que me aconteceu ... Eu sempre fui muito presa. Agora que eu tô podendo conhecer os lugares. Me divirto muito".

Carmem, por sua vez, se refere ironicamente à "benção" de necessitar trabalhar desde cedo para ajudar em casa e ressalta a possibilidade de interação e o resgate de vivências que não teve quando criança. Chegou mais cedo do que de costume e veio se justificar: "Quando não tem nada pra fazer venho mais cedo pra 'bater papo'. Tô adorando aqui. Minha infância foi uma 'benção' ... Agora que eu tô tendo infância".

Os grupos de práticas corporais promovem encontros e a possibilidade de dedicarem-se coletivamente a algo em comum. Sentir-se acolhido é tão importante quanto a percepção de melhora da saúde. O Conviver vai fazendo parte da vida dessas pessoas, e o que antes era uma presença individual, uma obrigação em nome da saúde se converte em uma rede de cuidados e vínculos comunitários, um compromisso.

Esse compromisso constituiu uma categoria de análise que discute as formas como elas se relacionam com a instituição, as colegas e com as atividades. Pôde ser observado a partir de dois contextos principais: a presença e a ausência.

Compromisso da presença

O compromisso apresentado em contextos de presença diz respeito à necessidade de "participar e cuidar da saúde" e à postura de "cuidar do Conviver e das pessoas".

Participar e cuidar da saúde

Fazem questão de participar dos encontros, de estar sempre presentes, se inscrevendo em mais de uma atividade. Contudo, eventualmente há a necessidade de cancelar, seja por motivos do Conviver (como reuniões de equipe, planejamentos e organizações), eventos e festas para elas próprias ou também por condições meteorológicas desfavoráveis. Embora a maioria compreenda, há descontentamentos.

Quando chove forte, os encontros são cancelados devido ao chão molhado e o iminente risco de escorregões e quedas. Algumas, mesmo com os avisos, vêm até o Conviver averiguar as condições do espaço e pressionar para que haja atividade.

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.296

Em um desses dias, já chovia há mais de uma semana e pelo terceiro dia não havia espaço seco na quadra. Mesmo assim chegaram juntas na unidade cinco senhoras com seus guarda-chuvas e pés molhados. Luzia, sempre brincalhona, justificou o motivo de estar ali, afirmando, aos risos: "Se é pra fazer é pra fazer! Não tem essa de chuva não".

Ao perceber a situação, Mariza, uma das que mais se posiciona contra os cancelamentos, exaltou-se: "'Porra' velho, se for assim só vai ter aula na semana que vem! Já não teve segunda feira porque [você] estava doente. Estou com um resfriado a tanto tempo que não passa, mas eu venho".

O compromisso de estar presente se revela, de forma exacerbada, quando Mariza afirma vir frequentar mesmo quando não se sente bem. Embora ríspida, a postura de Mariza refletia, em grande medida, o descontentamento das demais colegas.

Logo em seguida a idosa começa a se retratar buscando amenizar sua atitude dizendo que elas pressionam para haver atividades por gostarem de estar ali. No entanto, logo sua argumentação se volta para as necessidades de saúde: "A gente 'enche o saco', mas é porque a gente gosta. Sente falta. Fica um dia sem e dói tudo. O médico mandou vir por causa da gordura no fígado e colesterol ... A gente tem que se cuidar".

Correlacionar a descontinuidade das práticas corporais a perdas é comum. Por exemplo, após um feriado prolongado, Rosa, Elvira e Erasmo relataram o reaparecimento de dores pela falta de atividades: "Não sei se é por causa do feriado, de ficar parada. Mas a perna dói, fica mais cansada" (Rosa). "Se a gente para de fazer exercício a gente 'enferruja' mesmo, aí dói" (Elvira). "Rapaz, fiquei todos esses dias parado. Minha perna tá travada e doída. Mas vamos que melhora" (Erasmo). Neste dia, o aumento na percepção de intensidade também foi notado por Hamilton e Ivone e Mariana que brincam: "Alá, hoje ele vai 'judiar'" (Hamilton). "O professor quer 'acabar' com a gente" (Ivone). "É, o meu pé já sabe..." (Mariana).

Os depoimentos revelam, entretanto, não apenas a importância de se exercitar, mas o compromisso de estar no Conviver representa, sobretudo, a possibilidade de sair de casa e interagir com outras pessoas, ter amizade efetivamente, se ocupar e ter lazer. Mariza e Marisa, por exemplo, começaram a conversar e desenvolveram amizade ao descobrirem ter nomes parecidos. Após tanta chuva, num dia de sol, chegaram abraçadas, brincando e felizes: "Essa 'palhaça' tava me ligando já cedo pra eu não faltar" (Mariza). "É que em casa não tem com quem conversar. Marido é chato!" (Marisa).

Essas pessoas procuram ocupar a unidade até mesmo quando não está havendo atividades. Como o caso de Elvira, que numa tarde chegou sozinha para a o grupo de Tênis de quadra, sabendo que não haveria o encontro, pois, as demais colegas estariam em um evento externo. Afirmou ter vindo para fugir da chateação de sua casa: "Eu ia ficar em casa, sem fazer nada, aí fico chateada. Se não vem a gente sente falta. Vou ficar aqui e esperar a aula das 15h30". Ainda eram 13h30, mas optou por ficar e esperar por duas horas a próxima turma de ginástica. Elvira ocupou o tempo papeando com as senhoras do Centro Dia, principalmente Adelina, com quem tem mais amizade. Ficaram no banco da quadra, conversando e compartilhando questões pessoais, como doenças, dores e problemas com os filhos. Fica evidente que a presença delas não é somente por conta das atividades, mas pela possibilidade de conviver e compartilhar a vida.

Cuidar do Conviver e das pessoas

A necessidade de estar presente, participar e conviver com as colegas se desdobra em outra

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.296

forma de demonstrar compromisso: o de cuidar do Conviver e das outras pessoas.

São comuns cenas em que elas espontaneamente se preocupam e dão apoio para que a unidade mantenha suas atividades. Acabam dando suporte inclusive para os funcionários. Por exemplo, em um dia chuvoso a quadra e os bancos estavam molhados, Francisca chegou e prontamente pediu um pano para secá-los. Ao ver a solicitude da colega Alice pegou um rodo e ajudou a secar a quadra. Quando as demais pessoas chegaram o espaço estava pronto para uso.

Outra passagem em que esse suporte ficou evidente foi durante a organização da festa junina. Leni chegou antes do horário disposta a nos ajudar na separação dos alimentos. Ao ser interpelada por uma das funcionárias, que lhe sugeriu sentar-se e esperar a festa, Leni respondeu incomodada: "Mas minha filha, eu já fico sentada e sozinha na minha casa. Eu vim mais cedo foi pra ajudar".

Leni ter vindo para ajudar a equipe não foi um fato isolado, pois o cuidado e preocupação delas com as pessoas que trabalham na unidade também é algo frequente. Isso foi notado, por exemplo, em um dia que a diretora chegou cabisbaixa após uma reunião e ao notarem sua chateação, algumas das alunas que estavam conversando no pátio aguardando a atividade que iria começar em alguns minutos, prontamente foram recepciona-la, abraçando-a e deixando-a visivelmente emocionada. Por estar em contato direto com as pessoas todos os dias, essas demonstrações de cuidado comigo são comuns, a exemplo de dois episódios principais que ocorreram: uma situação em que torci o pé ao preparar o espaço da atividade e os homens da turma vieram carregar os materiais deixando tudo pronto quando ela fosse iniciar; outra em que precisei faltar por motivos de saúde, havendo bastante telefonemas das pessoas querendo saber de mim, oferecer ajuda e desejar melhoras.

Além de cuidarem do espaço e apoiar os funcionários, ajudar as colegas em suas necessidades particulares também é uma forma de cuidar. Há os casos de vendas entre elas, o que ocorre de forma discreta, pois não é algo permitido dentro da instituição. Apesar disso, como é uma importante forma de complemento de renda, elas se apoiam comprando rifas, artesanatos, produtos de beleza de catálogos e alimentos caseiros, por exemplo. Matilde eventualmente vende cocadas e pamonha para as outras alunas e diz que faz isso para comprar comida em casa, pois "a situação está difícil". Por esse motivo, Sara trouxe uma sacola de roupas para doar para a família de Matilde, e fez isso de forma sutil para não expor a colega, sem que as outras pessoas percebessem.

A preocupação com as pessoas, em alguns casos, foi tamanha que levou algumas a assumir papel de lideranças comunitárias ao comprometer-se com o trabalho voluntário e materializar suas experiências de vida em cuidado, formando grupos de alfabetização, de pintura, danças e coral, além do suporte em atividades internas como a organização de eventos, por exemplo. O senso de compromisso é peça chave para que elas próprias movimentem e deem vida ao Conviver, zelando umas pelas outras, não ocupando o espaço somente enquanto usuárias passivas.

Compromisso na ausência

Por se tratar de um espaço de grupos de convivência e práticas corporais, pode parecer contraditório versar sobre o compromisso que essas pessoas expressam nos momentos em que não podem estar presentes, mas é de grande valia para entender a dinâmica das relações de cuidado em suas vidas, dentro e fora do Conviver. Se é prerrogativa do programa postular a presença efetiva nas atividades, em contrapartida, as interações durante a pesquisa revelaram que o compromisso da presença por vezes compete com

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.296

os compromissos e imprevistos de suas vidas e lares, resultando em algumas faltas.

Na mesma medida em que cobram regularidade nos atendimentos do Conviver, elas procuram sempre nos informar sobre os motivos de se ausentarem e manter contato conosco quando se afastam por mais tempo. Um olhar distanciado creditaria esse fenômeno a um suposto medo de serem desligadas do serviço, mas a pesquisa, a experiência profissional e, sobretudo, a convivência com essas pessoas mostrou se tratar de mais uma manifestação de compromisso.

A aparente incoerência do título deste artigo – "eu vim avisar que hoje eu não venho" – representa a máxima desse compromisso, pois algumas chegam a ir até a unidade sem condições de participar, apenas para justificar a falta. Em um dos encontros, Matilde entrou na quadra mancando e segurando nas paredes, me chamou para conversar: "Professor, eu vim avisar que hoje eu não venho porque tô com muita dor no joelho. Mas quando eu tiver melhor eu volto, tá?".

A cena me causou espanto, pois não cobro desmedidamente a presença, tampouco trabalho ameaçando-as com o desligamento das turmas. O caso de Matilde foi o mais emblemático, mas vir até a unidade comunicar a falta é algo comum de acontecer. Marisa, por exemplo, já chegou a me chamar algumas vezes pela grade de fora da quadra para avisar que faltaria, pois não estava se sentindo bem e iria ao posto de saúde. Laura também veio me procurar, de óculos escuros, recém operada de catarata querendo entregar atestados para justificar os dias de ausência.

Apesar de a busca pela melhora da saúde ser a motivação para a maioria das pessoas procurarem o Conviver, contraditoriamente, são os problemas relacionados à saúde os maiores impeditivos à sua participação. Uma boa parte das faltas justificadas envolvem queixas de dor e mal estar, bem como tratamentos, exames e consultas médicas.

Cuidar de alguém é outro importante motivo para abdicarem da presença. Eventualmente acompanham familiares ou conhecidas em consultas, prestam apoio para pessoas doentes, cuidam de crianças ou de pessoas mais idosas. Às vezes esse apoio é para alguma colega, como Filomena, amiga de Heloísa relata: "Amanhã eu não venho. Vou levar a Dona Heloísa tirar o dreno porque ela operou né. Eu fui com ela na cirurgia e agora eu vou ficar uns dias sem vir porque vou cuidar dela, dar um apoio né".

Assuntos pessoais e familiares também levam às faltas. Viagens em família, visitar parentes e passear resultam em alguns dias de afastamento. O casal Ana e Moisés, por exemplo, foram visitar familiares no estado do Paraná e pediram para Mariana avisar, e mesmo assim no dia em que retornaram vieram pessoalmente explicar que tiveram a oportunidade de viajar e não puderam comunicar com antecedência. Valentina também se ausentou, pois levou os netos para conhecer parentes do "norte" do país. Sara, por sua vez, "pediu férias" antes de a neta nascer, pois iria para outra cidade curtir os primeiros dias da experiência de avó junto à criança e dar apoio para o filho e a nora. Rosa também teve uma experiência parecida com a de Sara, como relatou ao informar que não poderia vir na festa junina: "Eu não vou na festa porque eu vou viajar. Minha filha ligou. Eu vou pro interior conhecer meu bisneto. Vai ter festa lá porque é feriado. Vai eu e o passarinho [seu animal e companheiro de casa]".

Outra questão familiar muito comum é o trabalho. Muitas necessitam trabalhar para complementar a renda, geralmente com trabalhos informais e eventuais quase sempre envolvendo cuidado de alguém, limpeza domiciliar e venda de produtos. As falas de Aracy e Jane exemplificam essa situação: "Professor, amanhã eu não venho porque vou para a 'correria de banco' pagar as contas. E terça eu não venho, porquê você sabe né?!...

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.296

[trabalha na feira às terças vendendo panos de prato] (Aracy). "Se der certo eu vou começar a trabalhar em um restaurante, aí eu só vou poder vir na segunda-feira, que é o dia de folga, tudo bem?" (Jane).

Mais do que informar, essa interação entre professor e aluno acaba sendo um potente espaço para fortalecer vínculos. As pessoas podem compartilhar os seus problemas e encontrar acolhida, seja por parte dos profissionais ou das colegas. Mesmo em questões tão particulares, elas parecem se identificar umas nas outras, numa relação de alteridade. Cito o exemplo de Terezinha, que após alguns dias sem aparecer, chegou antes da aula e veio até mim e algumas alunas, tristonha e encabulada, com olhos lacrimejando se justificar da ausência: "Essa semana pensei que ia morrer… deu tontura, caí e bati a cabeça. O Dr. Caique falou pra eu comer e me cuidar, porque tenho pressão baixa... falou pra eu não parar aqui pra eu não ficar triste". As outras senhoras a abraçaram e lhe deram muita atenção durante a atividade. Compartilharam problemas parecidos e receitas de alimentos bons para anemia.

Essa acolhida também ocorreu com Marta, que caiu em prantos ao compartilhar com as colegas sobre seu namorado, que está em estado avançado da doença de Alzheimer: "A 'coisa tá feia' viu. Não tenho vindo quando o Beto tá mal. Ele 'surta' e eu não tenho como sair. Não dá pra ficar sozinho".

Elas se importam umas com as outras e vêm me procurar quando notam alguma colega com problemas ou muito tempo ausente, ou vão elas próprias buscar notícias. As próprias usuárias constroem pontes entre as pessoas afastadas e o grupo. Anita, vizinha de Joelma acompanhou a amiga durante toda a recuperação de um Acidente Vascular Encefálico e trazia informações e recados dela para nós. Foi a forma de mantê-la conectada ao Conviver mesmo distante e em tratamento. Ao retornar, após um longo período, Joelma ressaltou a importância de Anita em sua recuperação, resgatando-a para o grupo: "O médico mandou caminhar e fazer exercício leve. Minha filha não quer, disse pra eu ficar quieta em casa, mas eu vim com a Anita. Ela me trouxe de volta!".

O compromisso na ausência envolve a manutenção dos vínculos. As pessoas idosas expressam, assim, a necessidade de nos manter "a par" de suas vidas, vindo pessoalmente relatar, nos contatar por ligações telefônicas e mensagens eletrônicas, ou ainda pedindo para familiares ou outras colegas virem nos avisar sobre os motivos que levaram à sua ausência. Por outro lado, as pessoas que estão frequentando regularmente também cuidam para manter próximas as que estão afastadas. Assim se forma uma rede de cuidados.

DISCUSSÃO

A busca pelo Conviver por recomendação médica e preocupações com a saúde física fundamenta-se no fato de que as pessoas idosas compreendem as práticas corporais e atividades físicas primordialmente a partir dos benefícios orgânico-funcionais, como a diminuição de dores e uso de medicamentos (Fraga et al., 2013).

As queixas de saúde são prontamente abarcadas pelas práticas, o que em um primeiro momento cativa as pessoas, mas são os vínculos, a acolhida e a oportunidade de novas vivências que as mantém ali. De fato, participar de grupos de convivência contribui com a percepção de melhora da saúde (Benedetti, Mazo & Borges, 2012), mas segundo Fraga et al. (2013) elas também percebem outros aspectos, como a ampliação de conhecimentos, a convivência e o pertencimento. Esse pertencimento é intrínseco à identidade do grupo, pois, "para a participação nele, é necessário não somente fazer as atividades, mas também vivenciar toda a atmosfera de cuidado, amizade e

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.296

compartilhar singulares" (Fraga et al. 2013, p.64). É nessa perspectiva que Guimarães e Hirata (2020) entendem que o cuidar se manifesta no preocupar-se e estar atento às necessidades do outro, motivando atitudes, práticas e disposição moral ao bem comum.

Fraga et al. (2013) creditam a permanência nas atividades também à elaboração de intervenções a partir da realidade e das necessidades em que o grupo está inserido. Essa é uma recomendação da própria PNAS. Segundo o "Guia de Orientações para SCFV em Centro de Convivência da Pessoa Idosa do estado de São Paulo", deve-se privilegiar as expectativas e necessidade das pessoas, estimulando a maior participação possível, ao passo que vão se amenizando as possibilidades de agravos sociais (São Paulo, 2023). Embora o compromisso da pessoa com o grupo e a instituição seja patente, o documento também orienta que nos importa mais a participação efetiva do que a assiduidade de frequência, pois "esta é insuficiente para sinalizar os impactos individuais e coletivos decorrentes de sua presença no serviço. É preciso considerar a qualidade das interações e intervenções dos usuários, a sua proatividade, as oportunidades de atuação que conquista e constrói nos encontros" (São Paulo, 2023, p. 11).

De acordo com as diretrizes da política e, também, pela experiência profissional no Conviver, como aqui relatado, os grupos de práticas corporais e atividades físicas para idosos colocam um desafio aos profissionais de educação física. A atuação em SCFV demanda desses profissionais a realização de práticas que propiciem trocas, vivências, desenvolvimento do sentimento de pertença social e fortalecimentos de vínculos sociais e convivência comunitária (Brasil, 2009), sendo, portanto, necessário reconhecer a assistência social como um direito e assumir postura acolhedora (Lotti, 2022).

CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou a dinâmica de fruição do Conviver e a articulação de um cuidado institucional para um cuidado comunitário. Inicialmente as pessoas procuram inserir-se no serviço buscando melhoria e tratamento das questões de saúde, mas com o tempo desenvolvem um senso de compromisso e pertencimento sendo envoltas numa rede de cuidados. Isso nos mostra a necessidade de estabelecer políticas públicas mais centradas na vida das pessoas e nas delicadezas das relações que estas desenvolvem, atenuando a ênfase biomédica, positivista e disciplinatória, que, no geral, têm caracterizado os serviços de cuidado.

Notadamente a utilização do espaço e as interações nem sempre fluem como esperado, afinal relações humanas são complexas e, por vezes, contraditórias, mas as ações destas pessoas, inclusive em contextos de ausência, nos mostram como o Programa Conviver tem se orientado pelas diretivas da PNAS. Se no início elas procuram justificar as faltas preocupadas em não perder a vaga, nota-se que em pouco tempo esses contatos ocorrem para manter os vínculos e continuarem engajadas ao grupo, a tal ponto de algumas chegarem a vir avisar que não poderão estar presentes.

REFERÊNCIAS

Benedetti, T. R. B., Mazo, G. Z., & Borges, L. J. (2012). Condições de saúde e nível de atividade física em idosos participantes e não participantes de grupos de convivência de Florianópolis. *Ciência & Saúde*

Coletiva, 17(8), 2087–2093. https://doi.org/10.1590/s1413-81232012000800019

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social (2005). *Política Nacional de Assistência Social*.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Conselho Nacional de Assistência Social (2009). *Resolução CNAS n. 109, de 11 de novembro de 2009. Aprova a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais*. Brasília, DF: MDS.

Contatore, O. A., Malfitano, A. P. S., & Barros, N. F. de. (2019). Por uma sociologia do cuidado: reflexões para além do campo da saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*, 17(1). https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00175

Fraga V. M., Novelli M. M. P. C., Ferreira S. E. & Oliveira R. C. (2013). Significados da atividade física para mulheres idosas. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, 15(1). https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/5580

Geertz, C. (2015). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.

Guimarães, A. S. A. (2003). Como trabalhar com "raça" em sociologia. *Educação e Pesquisa*, 29(91), 93-107.

Guimarães, N. A. & Hirata, H. S. (2020). *O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades*. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

IBGE. (2011). *Censo Demográfico 2010: Características da população e dos domicílios. População residente por idade*. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IBGE. (2023). *Censo demográfico 2022: Características da população e dos domicílios. População residente por idade*. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Laugier, S. (2017). El cuidado, la preocupación por el detalle, y la vulnerabilidad de lo real (N. P. Vera de Tamagnini, Trad.). *Konvergencias, Filosofía y Culturas en Diálogo*, 25.

http://www.konvergencias.net/sandralaugier25.pdf

Lotti, A. D. (2022). A educação física no sistema único de assistência social: considerações a partir de editais de concursos públicos. *Pensar a Prática*, 25, e70576. https://doi.org/10.5216/rpp.v25.70159

Lotti, A., & Garcia, R. R. (2020). Programas e serviços de proteção social ao idoso em Praia Grande - SP: olhar das políticas públicas. *Revela*, 26(1), 15–33.

Lotti, A. D., & Nakamura, E. (2020). Significados da prática profissional em Educação Física na área da saúde. *Pensar a Prática*, 23, e54518. https://doi.org/10.5216/rpp.v23.54518

Magalhães, I. (2010). A dimensão do cuidar e a ressignificação do espaço público no pensar e agir de Maria de Lourdes Pintasilgo. *Ex aequo*, 2, 37-51. https://scielo.pt/pdf/aeq/n21/n21a05.pdf

Minayo, M. C. de S. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (13. ed.). São Paulo, SP: Hucitec.

Minayo, M. C. S., & Coimbra Júnior, C. E. A. (2011). Entre a liberdade e a dependência: Reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In Minayo M. C. S. & Coimbra Júnior C. E. A. (Orgs.), *Antropologia, saúde e envelhecimento* (2. reimpr. ed., pp. 1-212). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ.

Magnani, J. G. C. (2001). Antropologia e Educação Física. In Y. M. de Carvalho & K. Rubio (Eds.), *Educação Física e Ciências Humanas*. São Paulo, SP: Hucitec.

Montenegro, R. C. F. (2021). *Envelhecimento com dependência e o cuidado como direito social*. Curitiba, PR: CRV.

São Paulo (Estado). Secretaria de Desenvolvimento Social. (2023). *Guia de orientações técnicas: Centro de Convivência do Idoso - Centro Conviver*. São Paulo, SP: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social.

Uchôa, E., Firmo, J. O. A., & Lima-Costa, M. F. F. (2011). Envelhecimento e saúde: Experiência e construção cultural. In Minayo M. C. S. & Coimbra Júnior C. E. A. (Orgs.), *Antropologia, saúde e envelhecimento* (2. reimpr. ed., pp. 1-212). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ.

“O autor e a autora declaram não haver conflitos de interesse”